

ANÁLISE DE CONVERSÇÕES SOBRE #VIDASNEGRASIMPORTAM E AS MICROAGRESSÕES RACIAIS NO TWITTER

GABRIELA PEREIRA¹; RAQUEL RECUERO²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabspr26@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raquelrecuero@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo observar a estrutura de conversação sobre a morte de George Floyd e João Pedro, um homem e um menino negro assassinado no mês de maio de desse ano, que deve repercussão mundial gerando protestos tanto nos Eua como no Brasil onde ocorreram as mortes e que repercurtiu no Twitter¹ a partir da hashtag #vidasnegrasimportam. Ambientes digitais como plataformas fazem parte da realidade do século XXI e tende a aumentar na medida em que o capitalismo alcança seu ápice de produção de massa.

Outra maneira de seria pela deseducação, que seria a “criação de materiais de aprendizagem online que, na maioria dos casos, não intencionalmente desmentida ou omite pessoas de cor”, já a desinformação pode ser intencional ou não- intencional (misinformation e disinformation), mas pela dificuldade em comprovar a intencionalidade, pesquisadores estudam e analisam a desinformação de um modo geral. Casos de racismo online são vistos quase que cotidianamente nas plataformas digitais, que permitem a liberdade discursiva, onde sistemas algorítmicos conseguem tomar decisões do que vamos navegar e o que coincide com o comportamento do indivíduo e reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade (SILVA, 2019).

Nestes mecanismos, o racismo vem perpetuando e sendo invisibilizado, o que o pesquisador SILVA;TARCISIO(2019) define como “cegueira racial”, mas que estudos algorítmicos tendem a proporcionar uma análise mais ampla e concisa de como as microagressões raciais acontecem no ambiente virtual.

Sendo assim, o trabalho tem como objetivo analisar a conversação dos usuários no twitter dos retweets sobre os casos de morte de George Floyd nos EUA e João Pedro no Brasil. Para isso, foi analisado o assunto que estava nos tópicos mais mencionados, que contribuíram para opiniões diversas e abriu espaço para uma discussão que abordam assuntos como, raça e microagressões² dentro do racismo algorítmico (SILVA, 2019). Porém, o problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica, mas o nó do problema está no racismo que hierarquiza desumaniza e justifica a discriminação existente por isso (MUNANGA, 2006).

¹ Site de rede social, sendo considerado um microblogging, que permite textos curto e as opções tweet para postar algo, retweet para compartilhar algo de outro usuário, curtir para interagir de forma positiva, e a possibilidade de responder um tweet (PAGLIARINI & FOSSÁ, 2015).

² A definição de microagressões foi formada por Chester Pierce (1969; 1970) descrito por Silva (2019) como “mecanismos ofensivos” dos grupos opressores em medida similar às práticas psiquiátricas já realizavam sobre os grupos opressores em medida similar ao que as práticas psiquiátricas já realizavam sobre os “mecanismos defensivos”.

O uso do twitter para essa análise desse trabalho se deve ao fato de ser o site de rede social que mais repercutiu essas conversações sobre a hashtag e por ser a maior mídia social para coleta de dados com as ferramentas aplicadas no item 2. Portanto, a pesquisa apresentará as análises das conversas e como os pontos citados são representados.

2. METODOLOGIA

A metodologia proposta para a pesquisa é a realização da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) é um dos métodos mais utilizados para analisar-se conjuntos de dados textuais. É um conjunto de técnicas destinadas a estudar textos, imagens ou outros “conteúdos”, de modo a extrair destes, sistematicamente, algum tipo de sentido. Trata-se de uma abordagem constituída de várias técnicas diferentes, tanto qualitativas como quantitativas que são constituídos a partir de similaridades e dissimilaridades desses dados (RECUERO, 2018).

Por isso, o objetivo é encontrar e analisar o racismo algorítmico a partir das microagressões, tendo “micro” como a ideia de que essas agressões acontecem de forma “sutil”, transformando a ofensa em algo naturalizado, com um caráter implícito do racismo, principalmente online (SILVA, 2019).

Nessa pesquisa foi feita uma coleta manual dos *tweets* mais *retweetados* dos casos citados acima, de forma qualitativa avaliarmos iremos realizar a análise qualitativa desses dados textuais, baseadas na leitura das respostas nos tweets dos usuários, em que iremos considerar as referências que norteiam o trabalho, como microagressões raciais, sites de redes sociais, entre outros citados acima.

No momento, foram analisados 20 mais retweetados e 11 tweets deles foram encontrados repetidamente termos como: todas vidas importam, e declarações como “Morrem brancos todos os dias e ninguém faz campanha ou tentam lacrar, e muita política em volta de tudo isso” ou “Acho que faltou o nortista aí, além de sofrermos preconceito somos invisibilizados”, foram encontrados nessas conversações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, a pesquisa está em sua fase inicial, não possuímos resultados conclusivos, porém temos expectativas positivas na aplicação da metodologia de análise das conversações nesses tweets, em que será possível obter uma análise completa de termos relevantes, como citados acima. Além disso, esse método possibilita relacionar os acontecimentos diante da perspectiva e posições dos usuários.

4. CONCLUSÕES

Por fim, a pesquisa prosseguirá para a realização do objetivo de analisar as conversações no twitter sobre a hashtag #vidasnegrasimportam e as microagressões raciais que estão presentes utilizando como metodologia análise de conteúdo, de forma qualitativa. Em que permite avaliar a disseminação de racismo algorítmico, que reflete omitir e invalidar manifestações antirracistas e suas relevância nas respostas dos usuários. Além de poder observar se pessoas que apoiam os manifestos também contribuem para deslegitimar o movimento contra o racismo.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

MUNANGA, K. **Algumas considerações sobre" raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. Revista USP, n. 68, p. 46-57, 2006.

Pierce, C. **Offensive mechanisms**. In: BARBOUR, Floyd. (org.) *The black seventies*. Porter Sargent Pub, p. 265-282, 1970.

RECUERO, R. **Estudando discursos em mídia social: Uma proposta metodológica**. Brasília: IBPAD, 2018.

SILVA, T. **Teoria Racial Crítica e Comunicação Digital: conexões contra a dupla opacidade**, 2019.

SILVA, T. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código**, Salvador: VI Simpósio Internacional Lavits, 2019.